

Mapeamento da programação jornalística das rádios maranhenses¹

Nayane Cristina Rodrigues de Brito²

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Resumo: O mapa é parte de um sistema comunicacional e atua como um meio de comunicação, situado a partir de três elementos: o cartógrafo, o mapa e o usuário do mapa. O objetivo deste artigo é refletir sobre as etapas de mapeamento da programação jornalística das rádios maranhenses, apresentando ainda os resultados da pesquisa desenvolvida durante o mestrado. Na metodologia utilizou-se as concepções de Geografias da Comunicação, Moreira (2012). A partir de visitas as rádios, a realização de entrevistas semiabertas com os representantes desses veículos radiofônicos e a verificação dos áudios de alguns programas, registrou-se programas radiofônicos com veiculação de notícias em 24 cidades, das 49 situadas na região pesquisada. Nas demais 25 cidades a falta de uma rádio na localidade e a carência de profissionais que conduzam tais programas e processos de produção, são fatores para a ausência de programas noticiosos.

Palavras-chave: radiojornalismo; rádio; mapeamento; Maranhão.

¹ Artigo orientado pela doutora Valci Regina Mousquer Zuculoto, professora da Graduação e Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Diretora da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), Conselheira da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ). Coordenadora da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor) e Rádio Ponto UFSC. Integra a coordenação da Rede das Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA). Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (GIRAFa). E-mail: valzuculoto@hotmail.com.

² Doutoranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Membro do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (GIRAFa) e Grupo de Pesquisa, Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP). O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina. E-mail: nayanebritojornalista@gmail.com.

1. Considerações iniciais

A cartografia, na perspectiva do trabalho conjunto com a comunicação, também se configura como um instrumento metodológico na sistematização e visualização dos resultados. Rosário (2008), ao verificar a cartografia como elemento teórico-metodológico aplicável as pesquisas em comunicação, analisa a importância e função da elaboração de um mapa.

O mapa deve contemplar tanto os elementos do espaço quanto os elementos do tempo e não visa a representar o objeto tal qual, mas verificar processos, detalhes, transformações, fluxos, amplitudes, entre outros. A construção do mapa é, em si, uma experimentação e, dessa forma, permite o exercício, a análise e o ensaio. O resultado desse processo é a elaboração/desenho de paisagem(ns) dinâmica(s), capaz(es) de apontar elementos diversificados tanto do tempo como do espaço do objeto. (Rosário, 2008, p.210)

Para a comunicação cartográfica, o mapa é parte de um sistema comunicacional e atua como um meio de comunicação, situado a partir de três elementos que formam “[...] a tríade do processo de comunicação cartográfica, ou seja, o Cartógrafo que emite o sinal; o mapa, veículo de comunicação; o Usuário do Mapa, que é o receptor da mensagem produzida pelo Cartógrafo” (FEITOSA et al., 2013, p. 05).

No mapeamento dos veículos radiofônicos maranhenses trabalha-se com os princípios de Geografias da Comunicação. Sônia Virgínia Moreira (2012, p.16), ao referir-se às pesquisas que utilizam as Geografias da Comunicação indica que são “Estudos plurais, interdisciplinares e cooperativos”. Para a autora são investigações que,

[...] privilegiam o espaço (e, nele, os fluxos informativos e as mediações tecnológicas) como campo de observação das interações reais e simbólicas entre pessoas e pessoas, entre pessoas e indústrias, entre pessoas e Estados, entre pessoas e ambientes. (MOREIRA, 2012, p.16)

Portanto, o mapeamento das rádios maranhenses, iniciado durante o mestrado e será finalizado para o doutorado desta autora, dará subsídios para compreender os territórios do rádio maranhense e compor a cartografia nacional do rádio. A análise da programação radiojornalística do estado terá a cartografia radiofônica do Maranhão como base para a escolha das programações jornalísticas a serem analisadas para a tese.

Para este artigo verifica-se a realização e resultados do mapeamento do funcionamento de emissoras de rádio com ondas hertzianas nas cidades do Sul do Maranhão e, nessas, o que é transmitido de radiojornalismo. Logo, o objetivo do texto é refletir sobre as etapas de mapeamento da programação jornalística das rádios maranhenses, apresentando ainda os resultados da pesquisa desenvolvida para o mestrado.

A atuação do rádio no Sul do Maranhão é expressiva, ao se constatar que, em aproximadamente 70% das cidades localizadas nessa porção geográfica, existe um ou mais veículos de comunicação radiofônico com programação local. Assim, os acontecimentos da região e da localidade chegam até a maioria da população, sobretudo, por meio dessa mídia, a considerar que 29% dos moradores habitam na zona rural.

A região Sul do estado do Maranhão é formada por 49 municípios, organizados em sete microrregiões. Por mais de dois séculos, após a ocupação de terras maranhenses, essa região não fazia parte dos interesses da coroa portuguesa, uma extensão de terras pouco habitada até o século XVIII, “[...] apesar de o litoral ter recebido a presença de exploradores europeus desde o início do século XVI, a parte sul do Maranhão foi colonizada somente no século XVIII...” (FRANKLIN, 2005, p. 58). Em meados de 1730, as terras habitadas por povos indígenas Timbiras começavam a receber novos habitantes, eram criadores de gado em busca de pastos. Um movimento que estabeleceu frentes de colonização vindas da Bahia e de Pernambuco, denominadas de sertanejas ou pastoris. A partir da vila de Pastos Bons, inicia-se a conquista do território que hoje compõe o Sulmaranhense (SOUSA, 2015).

Se, por um lado, os interesses econômicos do Norte estavam concentrados no cultivo da cana-de-açúcar e produção do açúcar por parte por portugueses, o Sul não era lembrado, também conhecido como o sertão, mas um sertão de águas abundantes e com bons pastos para o rebanho bovino, conforme descreve Carlota Carvalho (2006, p. 96) na obra *O Sertão: subsídios para a história e geografia do Brasil*, com destaque para o trecho que diz: “Sobretudo, encantava-os a beleza dos campos, a suavidade do clima, a superabundância de nascentes de águas correntes e perenes, e a grande quantidade de frutas naturais do país [...]”.

Essas distintas formas de colonização do território maranhense colaboraram para a formação regional do Sul do Maranhão, o espaço geográfico que demarca o uni-

verso deste estudo. A região Sulmaranhense, expressão utilizada na tese do professor do curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão – Campus Imperatriz, Jailson de Macedo Sousa (2015), comporta as áreas Central, Sudoeste e Sul do Maranhão. O pesquisador avalia que essa porção territorial é a mais próxima do que foi definido no século XVIII de região de Pastos Bons. Nessa delimitação, o autor também leva em consideração os projetos de Lei nº 947/2001 e Lei nº 2, de 2007, ambas propõem a criação do estado do Maranhão do Sul; sem entrar no mérito político, Sousa (2015) avalia a proposta, ao levar em consideração as questões histórica e sociocultural dessa região.

A classificação de Sousa (2015) da região Sulmaranhense constitui a base para a escolha dessa parte do Maranhão como universo de pesquisa de mestrado. Semelhante à ocupação tardia dessa porção espacial do estado, as experiências com os meios de comunicação também se deram de maneira tardia, se comparadas com o Norte do Maranhão. E, quando se trata de estudos sobre esses meios, eles ainda são poucos, faltam mais pesquisas para compreender os processos jornalísticos nessa região interiorana com características históricas, culturais, sociais e econômicas distintas do Norte do estado³. Antes da conclusão da pesquisa para a elaboração da dissertação eram escassas as investigações sobre o radiojornalismo para apresentar dados históricos, rotinas produtivas e análises de programas radiojornalísticos.

Após essa contextualização histórica e geográfica, o artigo inicialmente apresenta as etapas do mapeamento, com informações que podem servir de apoio para outros estudos com pretensões de mapear veículos ou programações radiofônicas. Na sequência, verifica-se os dados gerais obtidos na busca por programações jornalísticas no rádio Sulmaranhense.

2. Mapeamento dos programas radiojornalísticos

A primeira etapa para elaborar um mapa que representasse o radiojornalismo no universo de pesquisa selecionado para o mestrado, consistiu em mapear o funciona-

³ A partir da implantação, há dez anos, do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão/campus Imperatriz, iniciaram-se produções científicas a respeito dos meios de comunicação no Sul do Maranhão, a maioria dos estudos ainda estão centrados na cidade de Imperatriz, local em que está situada a universidade.

mento de emissoras AM e FM com concessão, rádios comunitárias, regularizadas ou não e rádio poste, nas 49 cidades do Sul do Maranhão, e, nessas, o que era transmitido de radiojornalismo.

O registro das emissoras demandou visitas presenciais a cada cidade de que se tinha notícia da existência de rádio e suas respectivas emissoras radiofônicas. Com exceção das rádios postes, ainda existentes em algumas cidades, para esta pesquisa se incluíram apenas as rádios com ondas hertzianas, uma delimitação em meio a um vasto campo, se consideradas também as webrádios. Optou-se por não restringir a análise somente às emissoras legalizadas, por compreender, inicialmente, que esses veículos não legalizados também se estabeleciam como instrumentos de comunicação, uma escolha assertiva ao verificar, com o término da etapa inicial da pesquisa, que algumas cidades possuem apenas uma rádio como representação da comunicação local, mesmo que ainda não esteja autorizada a funcionar.

A partir da compreensão de Moreira (2012), buscou-se ir além dos números das rádios mapeadas, partiu-se também para a coleta e análise de fontes, contextos e outros conhecimentos para compreender o objeto pesquisado. As buscas em sites, bibliografias, página do Ministério das Comunicação e Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) forneceram algumas pistas sobre a existência desses veículos radiofônicos, mas, para atingir o objetivo da pesquisa, ainda faltava um longo trajeto até conhecer as práticas radiojornalísticas contemporâneas no rádio Sulmaranhense.

Verificou-se que poucas emissoras radiofônicas tinham páginas na web. Concomitantemente, procurou-se também, na Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária no Estado do Maranhão (Abraço-MA), na época, a lista com todos os contatos das rádios comunitárias do Maranhão – registrava apenas nove emissoras localizadas no sul do estado, eram aquelas com quem a associação sempre mantinha contato, e não representava a totalidade⁴.

Diante dessa situação, logo veio a ideia de procurar as prefeituras dos respectivos municípios, o problema é que nem todas dispõem de sites, algumas, mesmo com uma página da web, não disponibilizam contatos ou os números fornecidos estavam

⁴ Atualmente, a Abraço-MA possui uma lista mais ampliada quanto à existência de rádios comunitárias no Maranhão. Vale ressaltar, que essa lista atualizada foi repassa para a pesquisa e está sendo utilizada para a pesquisa de doutorado.

desatualizados. Outra via de contato foi o Facebook: buscaram-se perfis de emissoras, prefeituras e até moradores dessas localidades, o resultado não foi satisfatório, alguns indicaram que havia rádio nas cidades, mas se conseguiu o telefone de apenas três emissoras por esse caminho. A partir das listas telefônicas, foram realizadas ligações para os estabelecimentos comerciais das cidades mais interioranas, além dos contatos com pessoas conhecidas. Toda essa rede de informações proporcionou uma noção das cidades que teriam emissora radiofônica, mas não foi possível conseguir o contato de todas as rádios antes de conhecê-las.

Assim, guiada por esses dados, o mapeamento iniciou em março de 2015, diante da parada nas aulas no mestrado⁵. Esse primeiro momento foi primordial para se ter uma noção do universo estudado, aquisição de contatos de rádios de outras cidades e a constatação de que somente a ida às cidades com existência de veículos radiofônicos poderia fornecer informações para melhor embasar a dissertação. Com a experiência obtida nesse início, o retorno ao mapeamento em janeiro de 2016 foi ainda mais proveitoso.

Juntando os dois momentos da pesquisa, poucas fontes foram contatadas antes das conversas, isso devido à falta do contato de alguém dessas emissoras. Com a informação da existência de uma rádio, no município em que não se tinha nenhum conhecido, a busca era sempre nos postos de gasolina, pontos de táxis e mototaxistas quanto aos endereços das rádios, por serem locais com grande trânsito de pessoas e profissionais que circulam pelas localidades.

Corria-se sempre o risco de não encontrar uma fonte, mas, quando os representantes das emissoras radiofônicas não estavam nos estúdios, seguia-se até a residência ou outros estabelecimentos onde se pudesse encontrá-los. As esperas foram inevitáveis, principalmente quando se enfrentam as incertezas desses representantes quanto à veracidade da pesquisa. Ao prosseguir, buscou-se sempre se certificar, por meio do entrevistado, da existência de uma rádio no município próximo, estratégia que colaborou diante da dúvida sobre emissoras radiofônicas em algumas cidades.

⁵ Em função da greve dos professores das universidades estaduais do Paraná, incluindo a UEPG, que teve duração inicial de um mês, no período de fevereiro e março de 2015.

A entrevista semiaberta aos representantes das rádios foi fundamental para verificar a programação da emissora e os programas que eles consideravam jornalísticos. Para Duarte (2006), uma das vantagens do modelo de entrevista semiaberta é a possibilidade de se criar uma estrutura para comparação de respostas e articulação de resultados, o que facilitará na sistematização das informações transmitidas por diferentes sujeitos. “Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas” (DUARTE, 2006, p. 66).

A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas em pesquisas das ciências sociais, menciona Gil (2008). Para o autor, a entrevista é uma interação social, um diálogo entre entrevistador e entrevistado, o primeiro em busca de dados pertinentes a sua pesquisa e o segundo exercendo o papel de fonte de informação.

O uso do gravador digital foi imprescindível durante a captura das entrevistas, todas posteriormente transcritas para análise. Utilizou-se também como instrumento de pesquisa uma máquina fotográfica para registrar os ambientes das emissoras, programações impressas em murais e outras imagens. Um rádio portátil auxiliou na escuta da programação das rádios e gravação de um programa radiojornalístico. O som do automóvel, utilizado para os deslocamentos, também colaborou nas escutas, na chegada a cada cidade sintonizava-se na frequência a partir do que existia de veículo radiofônico.

Além dos instrumentos já indicados, o diário de campo foi utilizado para administrar e registrar as observações constatadas pela pesquisadora, como também data, local da realização da entrevista, trechos de falas e ainda os momentos difíceis enfrentados durante a pesquisa (WINKIN, 1998). Travancas (2006, p. 05) relaciona o uso do diário nas pesquisas em jornalismo, ao relatar que “[...] o caderno funcionará como um registro descritivo de tudo o que ele vir e presenciar, seja em uma aldeia de índios bororo, seja em uma redação de um grande jornal”.

Das 61 emissoras mapeadas, foram obtidos arquivos com material jornalístico (programas, entrevistas, sessão da câmara, etc) de apenas 11 rádios, as justificativas para ausência de arquivos se resumem a computadores formatados, com problemas ou à falta do hábito de arquivar. Os pesquisadores Jaccoud e Mayer (2012, p. 268), ao escreverem sobre observação direta e a pesquisa qualitativa, avaliam que não é simples a inserção do pesquisador em campo. Ao parafrasear Aktouf (1987), os autores indicam

as fases que um pesquisador enfrenta, cita-se aqui a primeira delas, que se trata do período denominado de ansiedade, “[...] pois ‘vai-se para a aventura’, e ‘não se tem nenhum instrumento no qual se apoiar’. É também um período de ceticismo, já que não se sabe muito ‘o que coletar, nem se o que se vai reunir valerá alguma coisa’” (AKTOUF, 1987, p. 183-184 apud JACCOUD; MAYER, 2012, p. 269).

As rádios mapeadas junto com 77 entrevistas, em 33 municípios, as gravações obtidas e os demais materiais coletados forneceram dados imprescindíveis para elaborar o Mapa 1 – Presença de programas com veiculação de notícias - verificado no tópico seguinte. A obtenção da representação visual dos dados coletados, por meio de mapa, foi possível após a sistematização das informações em tabelas, uma delas com o nome das cidades, as emissoras e os respectivos programas indicados como jornalísticos.

Para o doutorando, pretende-se construir o mapa do radiojornalismo maranhense ao verificar as demais cidades localizadas ao norte do estado. Até o fechamento deste trabalho o levantamento do restante das rádios maranhenses estava em andamento.

3. Mapa do radiojornalismo

Transmitir uma programação jornalística que retrate a realidade do local em que as rádios estão inseridas não faz parte da atuação de todas as emissoras verificadas a partir do mapeamento. Entre as 61 emissoras, 16 não apresentam programa jornalístico em suas grades de programação. Além da indicação dos responsáveis pelas emissoras quanto aos programas que eles compreendem como jornalístico, verifica-se a classificação de gêneros jornalísticos presentes no rádio, sistematizada por Ferraretto (2014).

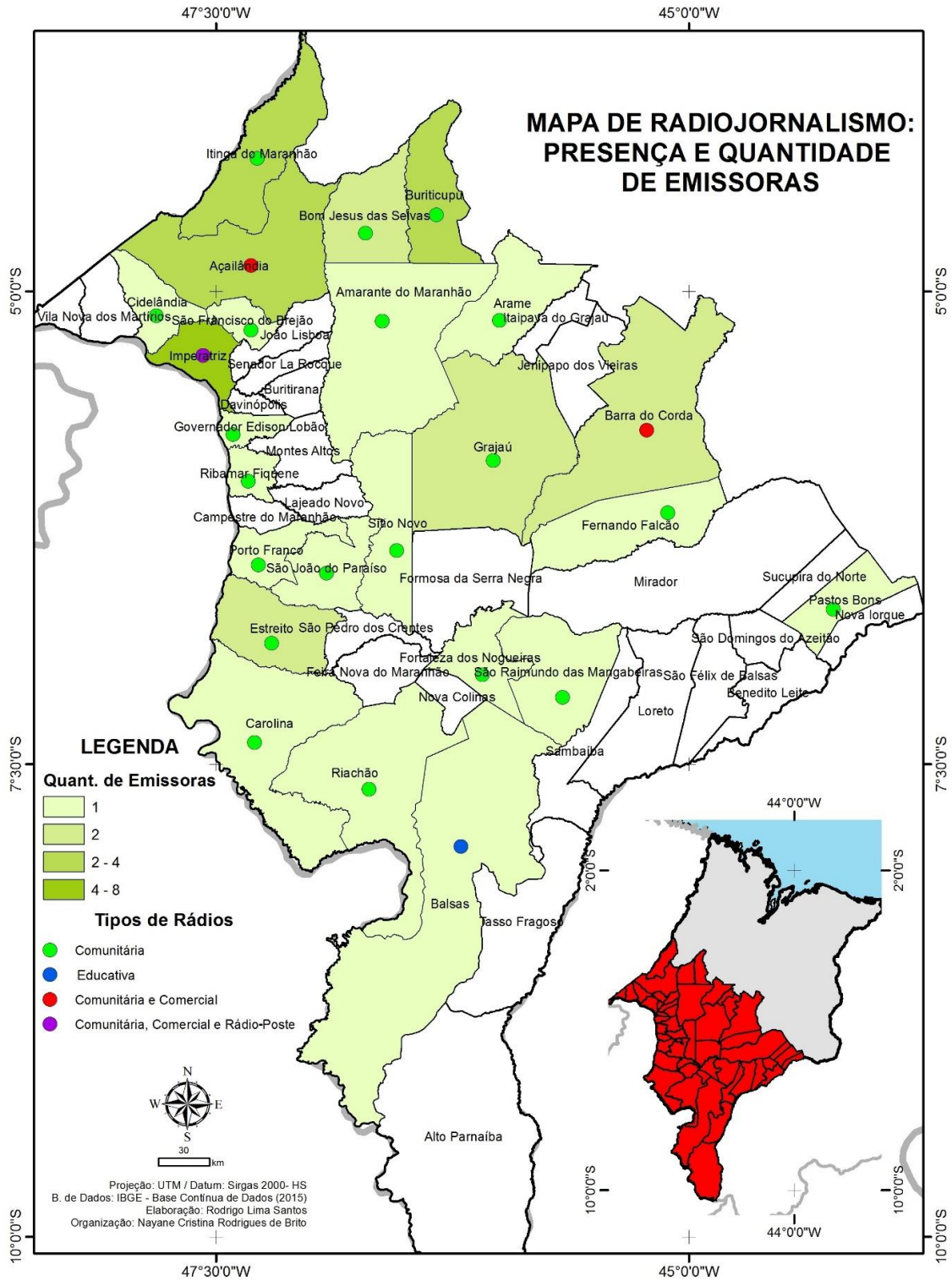
As narrativas obtidas pelas entrevistas e a verificação do áudio de alguns programas revelaram que produções consideradas pelos entrevistados como jornalísticas transmitem informações, mas nem todas são de caráter essencialmente jornalístico. Algumas dessas produções mesclam jornalismo e entretenimento, com formatos que variam de nota, notícia, reportagem, entrevista, comentário e radiojornal. Existem também os programas, programetes ou áudios com notícias que são fornecidas por

agências de notícias, com destaque para a Central de Notícias⁶, uma empresa maranhense, e as agências nacionais Radioweb e a Radioagência Brasileira da Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Outros programas são basicamente compostos pela leitura de informações extraídas de sites de notícias, seguidas de comentários. Determinadas produções locais duram duas horas e são divididas entre uma hora para entretenimento e outra hora para informação, mas, segundo os entrevistados, em dias com “poucas notícias”, podem ter mais entretenimento, especificamente música.

Portanto, consideram-se para esse registro produções com espaços para notícias mas, conforme mencionado, nem todos são programas radiojornalísticos, algo perceptível também pelo título dos programas verificados. Partindo do total de 49 municípios localizados na parte sul do estado do Maranhão, 25 cidades não dispõem de programação jornalística no rádio. Esse dado é superior ao número das localidades com alguma produção que destina espaços para veiculação de notícias. O mapa, na página seguinte, fornece elementos para analisar o panorama da existência, e também ausência, de programas radiofônicos jornalísticos encontrados nas cidades do Sul do Maranhão.

⁶ Para verificar as notícias fornecidas pelo site, acessar: <https://centraldenoticias.radio.br/>. Acesso em 26 de junho de 2019.

Mapa – Presença de programas com veiculação de notícias.



Fonte: IBGE / Organização dos dados: Nayane Brito / Elaboração: Rodrigo Santos

O mapa apresenta 24 cidades com emissoras de rádio em que o jornalismo aparece. O quantitativo de rádios por cidade que apresenta radiojornalismo está indicado pelas diferentes tonalidades da cor verde no mapa. Um exemplo é a cidade de Balsas, que apresenta apenas um veículo radiofônico com programa radiojornalístico, portanto, está identificada com um tom de verde mais claro do que o município de Estreito, com duas rádios que veiculam programas jornalísticos. Os círculos definem a modalidade da emissora: de cor verde mostra que aquele município tem programa radiojornalístico apenas em rádio comunitária; a azul simboliza que o jornalismo está presente na emissora educativa da cidade de Balsas; as rádios comerciais e comunitárias presentes nos municípios de Açailândia e Barra do Corda, ao apresentarem programação jornalística, estão representadas pelo círculo de cor vermelha; e o círculo roxo indica que o município dispõe de jornalismo nos veículos de comunicação radiofônicos comunitárias, comerciais e rádio poste, como é o caso de Imperatriz.

Geograficamente, é mais importante verificar onde se concentram os programas com algum aspecto de radiojornalismo e as cidades que dispõem de rádios com esse gênero. Pelo indicativo das cores no mapa, verifica-se que as cidades mais ao norte, nessa parte Sul do Maranhão, apresentam um quantitativo de emissoras com programas radiojornalísticos superior às que estão ao sul, que também dispõem de menos veículos radiofônicos. Imperatriz e Açailândia são os municípios que se destacam em números de rádios.

Todas as cidades à direita do mapa e que fazem fronteira com o estado do Piauí não dispõem de programa radiojornalístico. Em algumas localidades, principalmente, na zona rural, chega o sinal da Rádio Boa Notícia AM, de Balsas, mas se pressupõe que as emissoras do estado vizinho também sejam ouvidas.

Pelos horários das produções nas rádios pesquisadas, nota-se que a maioria dos programas são transmitidos pela manhã. De acordo com o levantamento do Ibope Media, o horário em que se registra maior audiência no rádio é pela manhã, por volta de 10h. Nessa lógica, os programas com informação são mais frequentes entre os intervalos de 8h às 12h, de segunda a sexta-feira, geralmente o carro-chefe da emissora, ou seja, a produção que tem mais audiência relativa a cada rádio e é apresentada por um locutor.

Além da *Voz do Brasil*, nas produções veiculadas à noite predominam os programas esportivos. Os programas dos Sindicatos, Conselho Tutelar, Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos, Ong's e outros que estão ligados a alguma instituição são veiculados de uma a duas vezes por semana e comumente à tarde.

A pesquisa exploratória revelou que as coberturas jornalísticas nas emissoras radiofônicas do Sulmaranhense ocorrem, principalmente, diante de um fato de grande repercussão na cidade em que a rádio está localizada. A característica do apresentador, que costuma ser o responsável por toda a produção do programa, é predominante nos veículos de comunicação radiofônicos mapeados, o que também passa a ser uma justificativa para a ausência de coberturas jornalísticas diárias.

Entre os temas mais citados pelos entrevistados durante o mapeamento destaca-se polícia e política. A presença de matérias relacionadas a casos policiais é frequente; eles são verificados como os poucos assuntos que geram coberturas jornalísticas, sobretudo, ocorrências de morte. Os profissionais acreditam que são acontecimentos que despertam mais a atenção dos ouvintes, o que explica o fato de gerarem coberturas marcantes para a maioria dos entrevistados, como casos de mortes brutais, estupros, tentativas de homicídios, entre outros acontecimentos, que são lembrados com tristeza e revolta por meio das narrativas.

A partir dos relatos dos representantes das emissoras, verifica-se que algumas rádios que se propuseram a criticar as ações negativas dos governantes sofreram represálias; como foi o caso da Rádio Primavera, nos relatos de Antonio Dias:

Nós tínhamos um promotor aqui, acho que ele era de Imperatriz, doutor Sandro (...) sempre convidado para ir para a rádio ele abordava alguns temas, principalmente da política, Estatuto da Criança, e aqui tinha um prefeito que era muito zangado e um dia eu tava entrevistando o promotor e a gente participava interagindo com o ouvinte e esse prefeito invadiu a rádio armado, foi um Deus nos acuda, botou arma no promotor. Foi um fato que repercutiu nacionalmente e esse prefeito também na época tinha uma rádio e perseguiu muito a gente, mas a gente conseguiu vencer, a dele fechou e a nossa tá aí no ar até hoje.

Araújo (2001), ao relatar os episódios de repressão a algumas emissoras comunitárias do Maranhão, cita o caso da Rádio Primavera. A intriga do prefeito Francisco das Chagas Bezerra Rodrigues, conhecido por Chico Atalaia, iniciou com as instala-

ções da Rádio Primavera e a Rádio Atalaia, de propriedade do prefeito, quase ao mesmo tempo. “Entre outros incidentes, o prefeito chegou a fazer ameaças a Manga Rosa devido à iniciativa da rádio de transmitir as sessões da Câmara Municipal” (ARAÚJO, 2011, p. 146). O prefeito tentava cercear a liberdade da emissora de todas as maneiras, inclusive com denúncias na Anatel durante o período em que a emissora ainda não tinha outorga para funcionar. Hoje Riachão conta somente com os serviços da Rádio Primavera.

A Rádio Liberdade, de Bom Jesus das Selvas, passou três meses sem a estrutura física da emissora, com transmissões apenas pela internet. Isso porque a torre da rádio foi derrubada. O local da mesma teria sido cedido pelo pai da gestora do município. Roniery Salazar comenta sobre o assunto: “o governo municipal derrubou a nossa torre pra calar a Liberdade, quando a gente voltou, já voltou com força total. Eles não mandaram nenhum comunicado avisando que queriam o terreno de volta”.

No que se refere aos desafios enfrentados nas poucas produções das notícias, são elencados pelos sujeitos desta pesquisa fatores como dificuldades de obtenção de declarações, quando se trata de órgãos especialmente ligados à prefeitura; fontes com receio de emitir opiniões, algumas por medo de represálias e a ausência de transporte para tal atividade.

Uma característica comum nas emissoras, mesmo aquelas que não possuem programa com características informativas, é a realização de entrevistas, principalmente em estúdio, na maioria das vezes sem o respeito a uma periodicidade pré-estabelecida ou mesmo um programa definido. Esse aspecto revela a necessidade dos ouvintes de serem informados sobre os acontecimentos da localidade, diante, às vezes, da ausência de um programa jornalístico local.

4. Considerações finais

O mapa do radiojornalismo Sulmaranhense, desenhado em dois momentos, corrobora na compreensão dos processos contemporâneos da comunicação (MOREIRA, 2012). A interdisciplinaridade entre a Comunicação e a Geografia proporcionou também elaborar uma cartografia inicial das rádios localizadas no Sulmaranhense. Na perspectiva de Geografias da Comunicação, o mapeamento vai além de dados numéricos e se somou aos contextos e falas dos 77 entrevistados. Os elementos obtidos resultaram em uma visão ampla, a partir de um mapa, quanto ao radiojornalismo nas rádios localizadas no Sul do Maranhão.

Registrou-se programas radiofônicos com veiculação de notícias em 24 cidades. A ausência de produções com informações nas outras 25 cidades é dada pela falta de um veículo radiofônico na localidade, e, nos municípios que dispõem de rádio, pela carência de profissionais que conduzam tais programas e processos de produção. De maneira geral, as rádios se referem à questão financeira quando se trata de justificar a ausência de profissionais para as coberturas jornalísticas. Essa foi uma declaração emitida, inclusive, pelos veículos comerciais.

A gestão das rádios Sulmaranhenses, a organização funcional e as estruturas físicas estão relacionadas com a programação, especialmente, com os programas considerados jornalísticos. Assim, diante dos relatos e de breves escutas, o mapa proporcionou uma visão geral das características e do local ocupado pelo radiojornalismo nesses meios radiofônicos. Constatou-se o predomínio das produções consideradas o carro-chefe da emissora, apresentadas por locutores que comentam as informações, recebem denúncias e reclamações da população, veicula informações jornalísticas, mas não é um radiojornal. Geralmente transmitidas no horário da manhã, com posicionamentos que geram uma imagem positiva dos locutores, com um sentido de autoridade e legitimidade em seus discursos.

Referências

- ARAÚJO, Ed Wilson Ferreira. **Rádios Comunitárias no Maranhão: histórias, avanços e contradições na luta pela democratização da comunicação.** EDUFMA. São Luís, 2011.
- CARVALHO, Carlota. **O Sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil.** 3. Ed. Teresina (PI): EDUFPI, 2011.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática.** São Paulo: Summus, 2014.
- FEITOSA, Sérgio, et. al. A comunicação na cartografia. **Revista Eletrônica Don Macênico**, Guarujá, edição nº 6, janeiro-junho de 2013. Disponível em: http://faculdadedondomenico.edu.br/novo/revista_don/artigos5edicao/1ed5.pdf. Acessado em 22 de março de 2016.
- FRANKLIN, Adalberto; CARVALHO, João Renô F. de. **Francisco de Paulo Ribeiro desbravador dos Sertões de Pastos Bons: a base geográfica e humana do Sul do Maranhão.** Imperatriz –MA, Ética, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. Ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.
- JACCOUD, Mylene; MAYER, Robert. A observação direta e a pesquisa qualitativa. In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Tradução de Ana Cristina Nasser. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. Por que Geografias, no plural, para a Comunicação? In: MOREIRA, Sonia Virgínia (Org.). **Geografias da Comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas.** São Paulo: Intercom, 2012, p. 09-17.
- ROSÁRIO, Nísia Martins do. Mitos e Cartografias: Novos olhares metodológicos na comunicação. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Orgs.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa.** João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.
- SOUSA, Jailson de Macedo. **Enredos da dinâmica urbano-regional Sulmaranhense: reflexões a partir da centralidade econômica Açailândia, Balsas e Imperatriz.** Tese de doutorado em Geografia 2015, UFU, Uberlândia, 2015, 557 p.
- TRAVANCAS, Isabel Siqueira. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In BARROS, A. e DUARTE, J. (Orgs.), **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2006, pp. 98-109. Disponível em: <https://marinasaraiva.files.wordpress.com/2013/04/etnografia-e-comunicacao.pdf>. Acessado em 08 de julho de 2019.
- WINKIN, Ives. **A Nova Comunicação: da teoria ao trabalho de campo.** Campinas: Papirus Editora, 1998.

Entrevistas

Entrevista concedida por DIAS, Antônio Carlos Coelho. 20 mar. 2015. Entrevistadora: Nayane Cristina Rodrigues de Brito, 2016.

Entrevista concedida por SALAZAR, Roniery Silva. 13 mar. 2015. Entrevistadora: Nayane Cristina Rodrigues de Brito, 2016.